

# 4.

## É OURO!

No final do século XVII, bandeirantes paulistas descobriram jazidas de ouro no centro-sul do atual estado de Minas Gerais. Esses verdadeiros apressadores de índios, pioneiros das “entradas” de desbravamento dos sertões de norte a sul da colônia, protagonizaram uma espécie de “segunda descoberta” do Brasil.

Os boatos sobre a existência de minérios valiosos no interior desconhecido, que circulavam desde os primeiros tempos da presença portuguesa na América, enfim se tornaram realidade. Até então concentrados na região litorânea, os colonizadores acorreram aos milhares para o “sertão dos Cataguás”, onde hoje se localizam as cidades de Ouro Preto (Vila Rica), Mariana e Sabará. O Caminho Velho, a partir de São Paulo, e o Caminho Novo, com acesso pelo Rio de Janeiro, eram as principais vias de abastecimento da zona mineradora e de escoamento da produção aurífera. A partir da década de 1720, a região de Diamantina com suas pedras preciosas também entrou nesse rol.

O ciclo do ouro transformou profundamente a América portuguesa. A capital da colônia, que antes era Salvador na época açucareira, foi transferida em 1763 para o Rio de Janeiro, importante porto de exportação das riquezas minerais para a metrópole. A instalação de uma sociedade urbana na região mineradora ocasionou um passo decisivo na ocupação territorial do sertão. Ajudada pela descoberta do Caminho da Bahia através do vale do rio São Francisco até as Minas Gerais, a expansão de atividades pecuárias e agríco-



4.1. Nossa Senhora do Rosário, autor desconhecido, séc. XVIII.\*

las para o abastecimento das vilas e arraiais mineiros se disseminou para o interior profundo, inclusive nas lonjuras de Goiás e do Mato Grosso, onde também muito ouro foi encontrado.

O regime de trabalho nas minas e na produção de víveres era o mesmo já consagrado nas plantações e engenhos de cana-de-açúcar — a escravidão. A

\* A legenda interpretativa das autoras está no final deste capítulo.

capitania de Minas Gerais, desmembrada da de São Paulo em 1720, logo se tornou o principal destinatário de trabalhadores cativos na colônia. Paralelamente, numerosos mocambos e quilombos se formaram nas regiões mais inacessíveis das comarcas mineradoras, como resultado da intermitente resistência escrava. Foi um tempo de violência e grandeza, medo e delírio: fortunas se faziam e desfaziam da noite para o dia, enquanto a fome flagelava a maioria dos colonos, e quadrilhas de salteadores aterrorizavam todos os caminhos do sertão. Igrejas suntuosas foram construídas com o talento de artistas como Aleijadinho e tantos outros — alguns até hoje anônimos —; e uma original e tardia forma de Barroco floresceu.

Ironicamente, a maior parte das riquezas da mineração não permaneceu em Portugal, sendo transferida para nações credoras da empresa colonial como a Inglaterra e a Holanda.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

1. A partir da leitura do subcapítulo “Sertão dos ‘Cataguás’” (pp. 107-12), é possível observar a importância das bandeiras na descoberta do ouro nas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Estimule os alunos a realizarem pesquisas que lhes permitam compreender:
  - a. as razões, o desenvolvimento e o desfecho da Guerra dos Emboabas e seu significado político na época;
  - b. a fundação das cidades de Cuiabá e Goiás relacionada à localização dos filões auríferos, com a participação dos paulistas.
2. A partir da leitura do subcapítulo “Minas do ouro que chamam Gerais” (pp. 112-23), peça aos alunos para elaborarem um texto dissertativo em que discutam semelhanças e diferenças entre o processo de migração elevado que se verificou nas regiões das Minas Gerais no início do século XVIII e a atual entrada de imigrantes em algumas metrópoles brasileiras. Para tanto, indique a eles diferentes investigações e censos sobre as atuais migrações, orientados pelos(as) professores(as) de geografia e sociologia. Os textos deverão obedecer aos parâmetros dados pelo(a) professor(a) de língua portuguesa.
3. Mecanismos de controle baseados em práticas de violência sistemática e organizada pelos administradores da região das Minas Gerais são apontados na parte denominada pelas autoras como: “Minas do ouro que chamam Gerais” (pp. 112-23). Cativos, libertos, quilombolas, estrangeiros, indígenas e homens livres sofreram as agruras impostas pelas condições naturais, além da intensa preocupação com o controle das extrações e do movimento da riqueza. Dialogue com os alunos para que eles pesquisem e reflitam sobre a tributação imposta pela Coroa e o destino do ouro tributado. Com base nessa reflexão, solicite a eles um texto dissertativo em que relacionem a criação de impostos com sua destinação no Brasil durante o ciclo aurífero e nos dias de hoje.
4. Na parte “Vila Rica do Ouro Preto” (pp. 123-8), as autoras citam a importância da obra *Cartas chilenas* (atribuída ao poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga, com a possível participação de Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto) como manifestação contra os desmandos das autoridades locais sobre a população das regiões mineradoras urbanizadas. Indique aos alunos a leitura dessa obra. Depois, divida a turma em treze grupos, de modo que cada um apresente uma das treze cartas que compõem a obra, relacionando o espírito de descontentamento da classe letrada com a administração metropolitana. Por fim, proponha que cada grupo elabore uma versão da carta direcionada à situação social e política contemporânea. Sempre que possível, indica-se a participação dos(as) professores(as) de língua portuguesa e filosofia na condução da atividade.

5. Leia com os alunos o trecho a seguir (p. 128):

O Barroco despertava os sentidos para o inatingível, para um mundo que não se vê; o ouro “sempre acaba, não é eterno”. Nas Minas, no fim do século XVIII, o ouro e o Barroco andam juntos e misturados. Assim como misturados ficaram seus santos, mulatos de olhos orientais, como se o Barroco distinguisse e unisse diferentes pontos desse Império português que começava em Macau e terminava em Vila Rica ou vice-versa.

Considerando o excerto e a análise das imagens 29, 30, 32 e 34 do livro, faça com os alunos um exercício de comparação entre as manifestações do Barroco brasileiro e as do Barroco europeu. O desafio será entender as especificidades desse gênero no Brasil durante o século XVIII. Com base neste exercício, ainda podem ser desenvolvidas com os alunos duas outras atividades:

- a. Discutir o papel ativo e dinamizador das artes — a literatura, a poesia, a pintura, a escultura, a arquitetura —, tendo por base o movimento do Barroco mineiro e da Arcádia;
- b. A partir de pesquisa imagética, estabelecer paralelos entre as artes contemporâneas nacionais e as discussões políticas que vêm ocorrendo no Brasil na atualidade.

6. As marcas desse ciclo econômico permaneceram para sempre na paisagem mineira. Já nas últimas décadas do século XVIII, o viajante sabia que havia chegado às Minas não mais porque a estrada estava por terminar, mas pelas distorções do cenário: a terra revolvida e esburacada, os morros escalavrados, os ribeirões sujos, os matagais dilapidados. Convide os alunos a pesquisarem acerca das várias consequências da mineração no século XVIII e nos dias de hoje. Discuta com eles o que significa o conceito de desastre ambiental e o que precisa ser feito para evitá-lo.

## LEGENDA INTERPRETATIVA DAS AUTORAS

4.1. No auge da exploração aurífera nas Minas, era preciso encontrar artifícios cada vez mais eficientes para escapar ao controle severo da Coroa portuguesa. Um deles foi o “santo do pau oco”, famoso em todo o Brasil, sobretudo em Minas Gerais. Os contrabandistas usavam figuras religiosas, como esta Nossa Senhora do Rosário, para esconder o ouro e transportá-lo em segurança, driblando a vigilância do fisco. O contrabando não impedia, porém, o apuro e o requinte das peças que traziam o rebuscamento do Barroco tardio mineiro.